

colaborechamada para
envio de textos**revista conexão de
saberes n°8**

Tema: Geoética a partir do Sul-Global: gênero, raça, classe e Natureza

Prazo para submissão: 15/08/2022.

Vivemos em uma sociedade colonialista que é patriarcal (e o patriarcado é cisheteronormativo) e racista, na qual o gênero e a raça constituem uma estrutura de poder que se intersecciona. Os homens e a branquitude se beneficiam dessa estrutura que oprime mulheres, principalmente negras e indígenas. Isso reflete em nossos comportamentos e, de modo mais amplo, em nossas autonomias, permissões, na divisão sexual, racial e territorial do trabalho, nos papéis desempenhados na sociedade e na ocupação dos espaços, sejam eles públicos ou privados.

A ciência colonial atomiza os saberes e, sustentada pelas burocracias acadêmicas – contrariando a própria etimologia pela qual é proposta a ideia de *universidade* enquanto o espaço de produção do saber formal –, separa as humanidades das ciências da Terra. Todavia, na realidade concreta, a vida material e as construções simbólicas acontecem de maneira indissociada, espacializando-se nos territórios a partir de determinadas cosmovisões que orientam determinadas relações entre humano (e seus modos de organização sociais) e natureza.

Assim sendo, nossa relação com o planeta e as formas de interação e mediação com o sistema Terra (e o sistema-mundo) pelo trabalho também são construídas a partir de uma estrutura social racializada e generificada. Nesse sentido, as geociências assumem um papel importante no fortalecimento das lutas contra as opressões de gênero, raça e classe, tendo em vista que é no espaço, em relação com a Terra, que a sociedade se organiza. Os reflexos do modo de produção e de ordenamento territorial, portanto, produzem espacialidades que são atravessadas pela interseccionalidade (conceito amplamente trabalhado pela Dra. Carla Akotirene).

Sendo assim, é preciso investigar quais são os processos históricos e sociais por trás das condições materiais que levam as mulheres, principalmente negras, indígenas, trans, terceiro-mundistas, a ocuparem posições de maior vulnerabilidade socioambiental.

Para atender às demandas do nosso tempo, e no intuito de fomentar a construção de uma geóética que leve em consideração as demandas do Sul-Global, faz-se urgente divulgar e construir, nas geociências, diálogos, epistemologias e metodologias que nos ajudem a pensar como gênero, raça e classe atravessam a relação entre capital e trabalho (re)produtivo, e como esses dispositivos de opressão são indissociáveis ao modo de produção capitalista. Precisamos refletir sobre isso porque as questões socioecológicas que atravessam as geociências também são vivenciadas de modo diferente por populações diferentes.

Tendo em vista que uma área de conhecimento é aquilo que dela fazemos, e não algo gravado na rocha protegido das intempéries do tempo, urge salientar que as geociências e seus campos e linhas de pesquisa estarão sempre em disputa – disputa essa marcada pelos limites e demandas do tempo no qual transcorre.

Como nos ensina bell hooks, em *Erguer a voz*, “a educação [e a ciência] não é um processo neutro. O conhecimento vem sendo usado a serviço da manutenção da supremacia branca e de outras formas de dominação”. É chegada a hora de assumirmos que a ciência é uma arma de dominação, e que, justamente por isso, precisa ser apropriada de modo a (re)pactuarmos outros modelos civilizacionais.

Posto isso, convidamos todas/os/es interessades a pensar sobre como as questões raciais, de gênero e/ou de classe atravessam as ciências que envolvem saberes sobre a Terra e seus (socio)ecossistemas. Os textos-ensaios podem trazer resultados de trabalhos concluídos ou em andamento, ou apenas divagações e pistas sobre como construir ciência e um espaço formal de ensino comprometido com as demandas de nosso tempo aqui elencadas.

**colabore**

guia de produção de textos

revista conexão de saberes

Recomendações gerais:

1. Publicações não devem endossar, promover ou referir-se a material ilegal.
2. Publicações não devem endossar, promover ou referir-se a acusações difamatórias.
3. Publicações não devem usar linguagem ofensiva, principalmente palavrões e linguagem abusiva, racistas, sexistas, homofóbicas e transfóbicas.
4. Publicações devem ser concisas, coerentes e profissionais, com muita atenção à ortografia, gramática e formatação.
5. Publicações não devem presumir conhecimento prévio, por isso deve-se explicar e contextualizar os conceitos que não são muito comuns ou que sejam categorias de determinadas áreas do saber.
6. Publicações devem obedecer às diretrizes de referência, citação e atribuição de autoria de imagens para garantir que os regulamentos de direitos autorais sejam respeitados.
7. Atente-se ao tema da revista e aos prazos.
8. A publicação deve ser enviada para a equipe editorial da a_Ponte por e-mail – apontepronorte@gmail.com – via arquivo do [google docs](https://docs.google.com).
9. Atenção ao calendário pré-determinado de submissão. A produção da revista trata-se de um trabalho coletivo e em cadeia. O atraso na entrega do texto acarreta no atraso das demais tarefas posteriores. Caso surja algum imprevisto, que não seja referente à má administração do tempo por parte das/os autoras/es, entre em contato com a equipe editorial pelo email apontepronorte@gmail.com. Assim conseguimos remanejar algumas etapas do restante da equipe, afinal, contratempos acontecem.

Encorajamos textos com posicionamento político/ideológico. Porém, é desaconselhada a panfletagem. Nosso objetivo com esse canal é criar pontes e não levantar ainda mais os muros já construídos. Para isso, precisamos falar para além de nossos pares.

Sobre a construção do texto:

- Pense bem: quem é seu público alvo? Escreva para ele, crie um diálogo, seja empática/o. Não ataque as pessoas que têm um posicionamento político/ideológico diferente do seu. Nem direta nem indiretamente.
- Uma sugestão sobre tempos verbais: Quando falar de algo futuro, evitar utilizar verbos como “será, deverá, mudará, resultará...” não podemos prever o futuro e é aconselhado se resguardar no benefício da dúvida. Então, podemos substituir por “seria, possivelmente, espera-se...”
- Facilite a comunicação: dê preferência para frases curtas (concisas) e na ordem direta.
- Procure um balanço entre filosofia e pragmatismo. É importante problematizar, incitar uma análise crítica das situações propostas, porém, também é importante a proposição de ações para transformar a realidade. Caso não tenha proposições concretas – porque ainda não temos todas as respostas e porque elas também precisam estar alinhadas com as necessidades locais –, que o texto incite a reflexão do leitor sobre uma possível solução da crítica levantada (por exemplo, por meio de perguntas).
- Acrescente referências aos textos, podem ser matérias de jornais confiáveis, trabalhos acadêmicos, entrevistas, vídeos. As referências devem constar como nota de rodapé numerada automaticamente (inserir > nota de rodapé). Acesse [este link aqui](#) como guia de referências na norma ABNT.
- Idealmente, a publicação deve ter em torno de 1000 a 1200 palavras.

Sobre imagens:

1. Atentar sobre a autoria e direitos autorais das imagens.
2. Imagens próprias podem ser utilizadas sem qualquer restrição.
3. Imagens de terceiros podem ser utilizadas mediante a autorização por escrito assinada pelo autor.
4. Inserir legenda.

Sugestão: buscar imagens em bancos abertos como pixabay, wikicommons, imaggeo.

Sobre a autoria:

Acrescente, ao final do texto, uma foto do/a autor/a em boa qualidade, com uma minibiografia de até 100 palavras. Se quiser, esse é o momento de deixar um contato e o link das redes sociais (caso deseje ser marcada/o).

Sobre direitos de propriedade:

Todo o nosso conteúdo é licenciado com uma Licença CC BY-NC-SA 4.0 (Creative Commons-Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional).

Esta edição é uma parceria com a
[Associação Brasileira de Mulheres nas Geociências](#)



ABMGeo
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
MULHERES NAS GEOCIÊNCIAS